



Uma vez mais: o que se passa com o programa dos Vistos Gold?



Manuel Reis Campos

Há cerca de um mês, começava esta coluna de opinião com a mesma pergunta. Faço-o novamente, uma vez que se trata de uma questão que permanece por esclarecer. Na verdade, a pergunta não era, de todo, retórica e muito menos visava obter respostas quantitativas sobre uma realidade que conhecemos demasiadamente bem.

As quebras de 60% em junho, quando comparadas com igual período do ano passado, são suficientemente expressivas, tal como é muito relevante o facto de, em 2016, o nosso país ter perdido uma posição de liderança entre os países europeus que, tal como nós, têm regimes semelhantes em vigor.

Sabemos, portanto, que este mecanismo de captação de investimento está a apresentar uma evolução claramente insatisfatória e a questão dirige-se, muito concretamente, a todos aqueles que têm responsabilidades políticas ou técnicas nesta matéria.

Ou seja, o que este setor de atividade, responsável por 50,5% do Investimento Total da economia e por um em cada seis empregos criados, no ano passado, pretende saber é que medidas estão a ser tomadas para que possamos regressar a um patamar de captação de investidores que é essencial para vetores estratégicos do nosso desenvolvimento coletivo, desde a reabilitação urbana, à dinamização do turismo e à própria coesão territorial do país, matérias que, por força das imposições de natureza financeira, estão há demasiado tempo afastadas do nosso debate político.

Esta não é a primeira vez que surgem dificuldades sérias com um programa que apresentou resultados nunca antes vistos. Fizemos o mais difícil. Captámos o interesse dos investidores estrangeiros e de-

pois não conseguimos dar resposta às suas expectativas. Porquê? Em Espanha, o percurso foi totalmente inverso. O programa arrancou com deficiências, sobretudo de natureza burocrática, que rapidamente foram corrigidas e, em 2016, com um total de 1,1 mil milhões, superaram em 227 milhões o valor global captado para o nosso país.

Esta é uma oportunidade que não podemos desperdiçar. A qualidade do nosso território e do património construído, a riqueza histórico-cultural que possuímos e um infindável rol de características endógenas, diversificadas e únicas, como a gastronomia local, a autenticidade das populações, são fatores que nos posicionam de forma muito competitiva num mercado que é global. O Imobiliário Português é atrativo, Portugal está na moda, por isso temos de ser capazes de transformar este momento positivo, criando uma dinâmica de crescimento e de investimento.

Celeridade e segurança nos procedimentos legais, que devem ser pautados pelo rigor, mas também pela capacidade de resposta, em tempo útil, aos potenciais investidores, são o mínimo que se exige a um Estado que, só de taxas e impostos diretos associados a este Programa, já arrecadou mais de 210 milhões de euros. Ignorar as dificuldades que, desnecessariamente, estamos a introduzir no Programa dos Vistos Gold e, conseqüentemente, a perder diariamente investidores para outros países europeus, é algo que não pode acontecer. O Governo tem de assumir, como prioritária, uma resposta a estes problemas e fazer regressar, de imediato, a confiança num instrumento que se tem revelado crucial para o país.

**Presidente da CPCI -
Confederação Portuguesa da
Construção e do Imobiliário**